

## O ASPECTO DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO: DIÁLOGOS TRAÇADOS NO *COMMUNICATION CAFÉ*

Ana Luísa Almeida Carregosa<sup>1</sup>

Clarissa Costa e Silva<sup>2</sup>

Vitor Manoel Silva Oliveira<sup>3</sup>

### Resumo

Este estudo procura apresentar e discutir aspectos ligados à nossa formação docente, em particular, a nossa formação identitária enquanto futuros professores de inglês como língua estrangeira. Neste estudo, compreendemos a formação identitária do docente como algo em construção (FREIRE, 1996, NÓVOA, 1992), inacabado e passível de transformações constantes. Sendo assim, como pensarmos sobre algo intangível, mas que pulsa em nós a todo o momento? Como nossas reflexões revelam aspectos de nossa formação identitária em construção? Estas são algumas das questões norteadoras deste estudo e, a partir destas, pudemos discutir sobre o caráter contínuo e diverso de nossa formação; enquanto sujeitos capazes de (re)pensar os caminhos do ensino de inglês no Brasil. Este estudo narrativo (CONNELLY; CLANDININ, 2000), que abre espaços para um movimento de contar e recontar histórias acerca de nossas percepções e experiências ligadas à nossa formação identitária, enquanto discentes do curso de Letras Modernas, nos convida a olhar para a nossa formação e para o futuro do ensino do inglês em nosso país. Este estudo poderá interessar outros futuros-professores e professores de inglês, que atuam e interferem no cenário de ensino de inglês em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** formação identitária. Inglês. *Communication Café*.

### Introdução

Este estudo busca apresentar e discutir aspectos do processo de formação identitária de dois futuros professores de inglês. A partir da narrativa de experiências, traremos reflexões importantes acerca de como (re)pensar sobre nossa formação identitária pode ajudar na compreensão de quem somos, assim como as possibilidades de ensino que emergem a partir desta reflexão. Neste estudo nos interessa pensar em formação identitária como algo em constante processo de construção. Segundo Nóvoa (1992), a construção de identidades passa sempre por um processo complexo, no qual a história pessoal e profissional de uma pessoa

<sup>1</sup> Discente do quinto semestre do Curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Campus Vitória da Conquista, bolsista de extensão no projeto *Communication Café* – 2024/2025.

<sup>2</sup> Professora Assistente de Língua Inglesa, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL/UESB/Campus Vitória da Conquista, coordenadora do projeto de extensão *Communication Café*.

<sup>3</sup> Discente do sexto semestre do Curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB/Campus Vitória da Conquista, bolsista de extensão no projeto *Communication Café* – 2024/2025.

impele sobre sua constituição (NÓVOA, 1992, p. 16). Ainda, sobre o caráter complexo e transitório que diz sobre nossa formação identitária, Freire (1996), nos diz o seguinte:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente; o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 57)

Essa perspectiva nos apresenta a faceta dos indivíduos como seres em construção e constante evolução, capazes de se situarem no mundo. Logo, ao falar da formação identitária de um docente, estamos retratando um processo multifacetado e complexo, o qual irá refletir na forma como aquele indivíduo compreende as esferas que circundam educação e ensino. Uma vez que somos sujeitos em construção, somos seres complexos e capazes de (re)construir nossas histórias. Nossas experiências são complexas, bem como nossa formação identitária, que se (re)constrói através das experiências que vivemos.

No âmbito da formação do docente não é possível analisar o contexto universitário como único elemento que (trans)forma um indivíduo. Analisar sua formação estritamente por este ângulo poderia reduzir a importância de suas experiências prévias, como no ensino médio por exemplo, e mesmo nos contextos de pesquisa, extensão e estágio, nos quais os graduandos também interagem. Portanto, não devemos nos ater somente ao ensino superior como o único responsável pelo docente em formação; pois, há ainda que mencionarmos os contextos que se estendem para além da sala de aula, extremamente relevantes no processo contínuo de formação de um ser.

De fato, as experiências que vivemos na academia e fora dela são múltiplas. Seria muito redutor uma perspectiva de formação de identidade docente que considerasse apenas a universidade como fonte de aprendizagens e formação. Em muitos contextos de formação, por razões diversas, não há um preparo para que o professor em formação lide com contextos múltiplos de ensino de idioma, como por exemplo, aqueles marcados por realidades bastante desiguais e carentes de recursos e apoio para suprir necessidades que muitas vezes fogem das tarefas do professor. Também, muitas vezes, a formação docente não consegue que o professor em formação veja que muitas das diretrizes que devem reger o ensino de um idioma estrangeiro são, na prática, desafios que precisam ser enfrentados.

Dada a natureza deste processo de formação docente, faz-se necessário que ampliemos os contextos que nos permitem compreender como nossa formação identitária se (re)constrói a

todo o momento. Somente assim, poderemos abarcar a totalidade de nossas experiências e compreender melhor sobre nossos deveres e papéis. Neste contexto, surgem os seguintes questionamentos: enquanto futuros professores, como queremos ser? De quais formas podemos interferir nas realidades de ensino das quais fazemos parte? De que forma podemos contribuir para a formação de nossos alunos? Estas são algumas das questões que chamam a atenção e que, através deste estudo, procuraremos abordar por meio de nossas reflexões.

### **(Re)Pensando sobre nossa formação identitária: o “eus” professor**

Pensar sobre quem somos implica olhar para nós a partir de vários ângulos, a fim de traçar um panorama da nossa constituição complexa; de seres em transformação. Neste estudo, iremos apresentar aspectos da nossa formação identitária em contraposição às possibilidades de ensino de inglês que emergem, a partir destas reflexões.

Diante do pressuposto de que somos seres complexos e em constante transformação, evidencia-se a necessidade da consciência do professor como sujeito em processo de formação identitária. Sendo assim, a identidade é vista como um emaranhado de elementos como linguagem, cultura e sociedade, os quais se entrelaçam e se complementam. Aspectos sócio-históricos e mesmos aqueles ligados aos contextos de ensino-aprendizagem de língua inglesa marcam a transitoriedade da constituição identitária docente. Vejamos o que nos diz Kleiman (2007):

Também a relação com os conteúdos aprendidos no curso de formação é mutável. Mais do que conceitos específicos a serem aprendidos, o curso deveria visar ao letramento do professor para o local do trabalho, entendendo, assim, a escrita como um elemento identitário da sua formação (KLEIMAN, 2001). Isso significa que, mais do que a aprendizagem de determinados conceitos e procedimentos analítico-teóricos, que mudam com as mudanças das teorias linguísticas e pedagógicas, interessa instrumentalizar o professor para ele continuar aprendendo ao longo de sua vida e, dessa forma, acompanhar as transformações científicas que tratam de sua disciplina e dos modos de ensiná-la.

Nesta perspectiva, a formação docente tem também a ver com letramento, isto é, instrumentalizar o professor com conhecimentos e práticas discursivas que o permita compreender o caráter transitório não apenas da língua que ensina, dos contextos dos quais ele faz parte, mas também de suas próprias convicções sobre o que é ensinar, sobre como ensinar. Em face disso, considerando um contexto amplo, de ensino-aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas, sabemos que este passa por constantes entraves, oriundos de questões estruturais e sociais. Entretanto, é nesse ambiente que habitamos, como professores em formação e, a partir dele, podemos buscar nos compreender melhor. A apresentação das nossas reflexões, no quadro a seguir, busca traçar um paralelo entre aspectos de nossa formação

identitária e as possibilidades ligadas a esta para o ensino de inglês. Nossas reflexões retratam recortes de experiências prévias, bem como das que temos nas escolas públicas.

Quadro 1 - Reflexões traçadas através do processo de formação identitária

<b>Aspectos de nossa formação identitária</b>	<b>Possibilidades para o ensino de inglês</b>
Organização dos conteúdos estudados de forma sistemática e contínua;	Trabalhar aspectos da língua inglesa em etapas, de modo que permita aos estudantes compreenderem que há um processo de aprendizagem e que seus papéis são importantes na construção deste processo.
Apresentação do conteúdo de forma contextualizada; buscando explorar aspectos de nossa realidade e cultura;	Ensinar os tópicos do idioma por meio da imersão dos alunos nos aspectos culturais e sociais. Dessa forma, o aprendizado poderá ser mais eficiente e proveitoso.
Trabalho com gêneros discursivos diversos (textos formais e informais, textos verbais e não-verbais, textos visuais, textos didáticos, poemas, textos não literários, textos de diferentes ramos do conhecimento), os quais nos agradam e aqueles que também foram indicados/sugeridos pelos estudantes;	Abarcar as quatro habilidades linguísticas contempla o que os estudantes necessitam para poderem aprender o idioma estrangeiro. Fazer isso por meio de materiais diversos e que os conectam com o que consomem em seu dia-a-dia pode ser um recurso valioso no processo de ensino-aprendizagem de inglês.
Agir com paciência e empatia, frente às diversidades do contexto escolar e de seus participantes;	E essa atitude abre portas para que o estudante se aproxime mais do professor e, conseqüentemente, do conteúdo por ele ministrado – o inglês. Uma vez que o aluno se aproxima do idioma estrangeiro, sem receios e pré-conceitos, ele poderá se imaginar também como membro daquela comunidade de falantes e o processo de ensino da língua se torna mais contextualizado e humano.

A partir das reflexões traçadas neste recorte de pesquisa, é possível notar que a formação identitária dos professores de inglês se caracteriza como um fenômeno orgânico. Este necessita de atenção e pode ser mais debatido, dada a importância do aspecto da formação identitária docente e suas implicações no ensino do idioma estrangeiro. Afinal de contas, são os professores em formação que irão (re)escrever histórias de ensino-aprendizagem de inglês e, pensar sobre como estes se formam é crucial para construirmos oportunidades de ensino mais justas e coerentes para todos. De fato, é a partir da nossa formação identitária que traçamos caminhos de ensino, de atividades e de metas. Ou seja, quem somos e como trabalhamos com o inglês nas escolas determinará as experiências de ensino às quais os alunos terão acesso. Quem somos e quem queremos ser nos ambientes de ensino dos quais faremos parte? Essa é uma questão estritamente ligada a este debate sobre a formação identitária do docente.

Apesar da transitoriedade de nossa identidade e dos diversos entraves que permeiam o ensino de inglês em escolas públicas em nosso país, queremos e precisamos entender melhor quem somos, quem queremos ser e as possibilidades de transformação de realidades. Este recorte de pesquisa trouxe à luz que o ensino-aprendizagem em língua pode ser orientado por

nossas escolhas, decisões, atitudes, conhecimentos, jeito de ser particular, práticas docentes e que, apenas a partir da observação e compreensão destes elementos, poderemos interferir positivamente no ensino de inglês e criar oportunidades de ensino mais humanas.

### **Considerações Finais**

Este recorte de pesquisa em desenvolvimento, feito por dois bolsistas do projeto de extensão *Communication Café*, buscou demonstrar a importância da formação identitária em diálogo com o ensino da língua inglesa. Assim, é possível concluir que, com a finalidade de sermos professores de inglês mais críticos e capazes de atingir nossos futuros alunos de forma positiva, é necessário captarmos o que permeia nossa formação identitária, levando em consideração o que nos constitui e mesmo as adversidades dos contextos que nos cercam. Todos estes, determinam quem somos, quem podemos ser e as escolhas que fazemos neste processo.

Por fim, este estudo espera atravessar outros futuros professores em formação, a partir das reflexões apresentadas, de modo que estes possam também pensar sobre as oportunidades de ensino de língua que querem construir. Esperamos que esta reflexão sobre quem somos abra caminhos para criarmos um processo de ensino-aprendizado de inglês cada vez mais igualitário e significativo. Como docentes em formação, temos o dever de nos entendermos como seres em constante reflexão/formação; seja de nossas crenças e/ou práticas, pois, somente a partir deste exercício de questionamento, poderemos (re)configurar nossas identidades e as possibilidades de ensino que criamos.

### **Referências**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Angela. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. Em: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, dez, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242> Acesso em 10/07/2024.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.15-33.